ÉLAN E KATCHIARTES

O SILÊNCIO DA VELHA MINHOTA

OCIÑI
Editora

ÉLAN E KATCHIARTES

O SILÊNCIO DA VELHA MINHOTA

Editora

KATCHIARTES

FICHA TÉCNICA

Título: O SILÊNCIO DA VELHA MINHOTA
©2026 Élan e Katchiartes
©2026 Ociñi Editora
Revisão: Inocêncio Miguel Trigo

Morada
Rua: Egas Moniz
Benguela – Benguela. Angola
Contactos: +244 931 177 272
Email: inform.geral.ocinegmail.com
WhatsApp: 958 416 675

Coordenação Editorial: Elias Catimba Cambundi

ISBN: 978-989-36325-8-1
Benguela, 2026 • 1.ª edição • 1.ª tiragem
Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 01896 /2026

É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da Editora, abrangendo esta proibição a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código de Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

Conteúdo

DEDICATÓRIA 5

NOTA DOS ESCRITORES 6

PREFÁCIO 8

I 10

II 23

III 36

IV 44

V 54

VI 61

VII 70

VIII 75

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro inicialmente a todos os amantes da leitura, amigos e familiares.

NOTA DOS ESCRITORES

Minhota é o ponto de partida de uma viagem no início dos anos 2000, onde o amor já não era expresso comummente por meio de cartas.

Os autores mergulham na profundeza do silêncio e paz que a mesma nos transmite, enquanto os malandros da vizinha Mitcha se intimidavam com a resiliência do velho Chico e o rio que separava as terras, tudo poderia acontecer menos os roubos.

Por muito tempo as conversas do passado e a cultura local dominavam as reuniões a volta da fogueira.

O amor do Ndombe pela Tchilanda faz com que alguns segredos vêm de cima, mas como sempre o silêncio da velha Minhota consegue abafar os efeitos.

Nesta obra, apresentamos a mais pura realidade das relações e vivências entre as zonas suburbanas e rurais das terras da alta da Chela, também conhecida anteriormente como Sá de Bandeira e nos nossos dias, Lubango.

Vale mencionar que neste livro é apresentada uma perspectiva histórica de um amor peculiar onde as circunstâncias incomuns e os imprevistos se tornam verdadeiros obstáculos na demonstração do verdadeiro amor.

Fica claro nesta obra que alguns aspetos culturais podem se perder em função da interacção com outros povos. O empenho em usar linguagem do dia-a-dia para a percepção de todos é

evidenciado, vale mencionar que algumas expressões são apenas usadas na zona em que a história é desenrolada.

A história não é real, mas teve como base as ocorrências e vivências do dia-a-dia. Algo impressionante desta obra, é que foi escrita num período em que estávamos em desbloqueio mental, não houve roteiro, os personagens e o sentido da história foi ganhando vida à medida que cada episódio foi sendo apresentado, ao ler parece que foi escrito apenas por um escritor, mas não, desenvolvemos essa obra sem saber qual seria o final da história, a capacidade criativa e domínio da arte da escrita, nos ajuda submetermos mais uma vez a pura reflexão.

A medida que for lendo está obra, mergulha na euforia de estar num bairro que tinha tudo para ser uma verdadeira sanzala, mas é contida pelo silêncio e segredos profundos que nunca foram revelados.

Entenda que Minhota não é apenas o palco dos segredos em silêncio, é a resiliência de viver e fazer viver, onde a história de amor não se dissolveu com o passar do tempo, nem com o poder da tecnologia.

Talvez um dia voltaremos a pisar a velha Minhota com os nossos próprios pés descalços e redescobrir os segredos silenciado pelo tempo, ainda bem que o tempo jamais apagará as memoria construídas por elas mesmas.

Minhota nunca foi alguém, é simplesmente um lugar onde tudo começou.

PREFÁCIO

Ao longo da narrativa, o espaço da *"velha Minhota"* assume contornos quase místicos. Mais do que um mero cenário, trata-se de um lugar simbólico onde coexistem a memória colectiva e os dramas íntimos de seus habitantes. A minhota torna-se, assim, protagonista silenciosa dos conflitos, esperanças, reencontros e dissabores das personagens que ali vivem

O silêncio, como anuncia o título da obra, é um dos principais operadores simbólicos do romance. Longe de ser um vazio semântico, o silêncio na velha Minhota é preenchido de significados: ele comunica dor, resguarda segredos, protege emoções não verbalizadas e, paradoxalmente, torna-se uma forma de resistência. Importa destacar, ainda, o contributo do romance para o debate sobre a memória e identidade em contextos póscoloniais. Através de um enredo fictício, inspirado por experiências reais e pela observação atenta da vida comunitária, os autores revelam as permanências e mutações dos valores culturais e das práticas sociais em Angola.

Por fim, O Silêncio da Velha Minhota é, acima de tudo, uma narrativa sobre o que permanece: os amores não resolvidos, as cartas nunca entregues, os silêncios que ainda ecoam nas paredes de casas pobres e cheias de memória.

Esta obra convida o leitor a não apenas entrar nas ruas enlameadas da velha Minhota, mas como vai ver com atenção o que as suas paredes silenciam – porque, afinal, algumas das mais belas verdades não se dizem… sentem-se.

Os Autores.

I

Na terra da velha Minhota, as nuvens se formaram antes do sol nascer, o silêncio total ecoava os becos da rua.

Tchilanda, com o seu olhar doce e atrevido, pestanejava com medo de ir à rua, com um olhar melancólico ela queria ir, mas não podia, não pelo silêncio, mas pelas nuvens que se formavam rapidamente.

— Será mais um dia de chuva! Disse ela, com um olhar triste e encolhendo o corpo no cobertor.

De repente se ouve os estrondos e relâmpagos, as gotas da chuva começaram a batucar nas chapas velhas e furadas, a electricidade foi cortada naquele instante, procurando candeeiro para iluminar a escuridão, Tchilanda, exclamou: – mais um dia de silêncio! O dia só estava a começar, ela já estava completamente irritada.

— Finalmente conseguiu encontrar o desejado candeeiro, que poderia proporcionar alguma iluminação.

Da janela ela conseguia ver a movimentação da rua, apesar daquelas condições, muitos corriam, iam e venham, para procurar se abrigar ou chegar a casa.

Do outro lado da rua estava o velho Chico colocando as bacias no passeio para recolher a água do teto.

Olhando atentamente saudou Tchilanda, como sempre, ela deu a resposta entre os dentes, o velho descontente soltou um bichocho refinado, Tchilanda simplesmente não disse nada.

Não passou muito tempo, os cães começaram a ladrar, os vizinhos olhavam pela janela, mas não viam nada de estranho, da janela da casa da Tchilanda era possível ver toda movimentação da rua. Enquanto as pessoas estavam preocupadas com a chuva, alguns rapazes da Mitcha entraram na capoeira do Bernardo e roubaram algumas galinhas, ninguém teve coragem de sair nem gritar, ficaram olhando pela janela, apenas os cães que estavam encolhidos de tanto frio, ladravam insistentemente.

Tchilanda via toda a movimentação da janela, mas não poderia fazer nada, ficou simplesmente calada.

Naquele dia, choveu o dia todo, ninguém conseguiu sair de casa.

No cair da noite, Tchilanda tenta arrastar o banco para sentar na porta, de repente ouve um barulho forte e ela gritou quem é?

O silêncio é assustador e intrigante, assustada ela tenta ignorar o barulho e continua a sua luta contra o tédio, mas é impossível não se deixar levar pela curiosidade.

— De onde terá vindo tal barulho tão estonteante?

— Será que há alguém no seu quintal?

— E se os rapazes da Mitcha voltaram, dessa vez com o objectivo de esvaziar o seu pequeno pombal? Pergunta-se ela.

Não podendo mais conter a vontade de descobrir o que se está a passar ela descalça os chinelos, levanta do banquinho e quase sem fazer ruído nenhum, encosta lentamente na sua janela favorita aquela que entreteu-lhe durante o aborrecido dia chuvoso.

Com o lume do candeeiro baixinho, lá está ela encostada na parede, o coração de tão veloz que está, até sente o palpitar nos pés, entre as cortinas com o olho bem aberto e atento ela espreita determinada a desvendar o intrigante mistério, mas nada de anormal parece estar ali.

" Não deve ser nada " – pensou ela – Não há razões para temer, a velha Minhota sempre foi um local seguro sob a supervisão do velho Chico, o bom velho Chico, já teve os seus dias de glória, agarrado às suas histórias de guerra em que era sempre o herói, de dia em dia garantia com as próprias mãos a segurança da família que encontrou na vizinhança.

E com o avançar da idade traz também grandes makas, mas as histórias do bom velho Chico continuam a cumprir o seu papel, quem as conhece não se aproximaria no calar da noite para atacar a paz desta rua. – Tchilanda viaja em seus pensamentos quase se esquecendo do que a levou ao local em que se encontra quando de repente ela ouve: "palanganzã […]" – O barulho novamente, e dessa vez mais alto por sinal - O que será?

— Quem é? – Gritou fortemente esmurrando a porta. Preocupada e com o coração na mão novamente, olha atentamente de onde vem o barulho, nem dá para acreditar, era o gato da vizinha que estava atrás do rato. Já aborrecida correu para o seu pombal para ver se a porta estava mesmo fechada, finalmente estava tudo em ordem.

No dia seguinte, a rua estava alagada. Sem os sussurros da madrugada, apenas os porcos aproveitavam fazer das suas, nas águas paradas, enquanto o velho Chico passava assobiando e com os seus passos lento demostrando a sua vaidade dos anos 70, os porcos se sacudiram da lama bem no momento que o velho estava

a passar, borraram-lhe a camisa - já nada frustra esse velhote, o dito guardião da velha Minhota, os hecatombes da vida as vezes lhe fazem chorar, especialmente quando pensa na sua falecida esposa, mas também só se lembra quando está embriagado.

Ainda sóbrio, caminha com os seus passos lento, ignorando a porquice da manada e a sujeira na camisa.

Ninguém conhece os caminhos do velho, de volta a casa, o clima já era diferente, alegria do velho era esporádica, saudando todo mundo e intensificando o seu assobio cantarolando.

Tchilanda ainda com a cara de sono, sabendo que era o velho correu para a sua janela, curiosamente para ver como a rua estava depois da chuva de ontem, o cenário não mudou tanto como das outras vezes. Enquanto o velho Chico passava era exactamente aquele momento que ela permaneceu na janela.

Tentando abrir os olhos que estavam fechados por causa da embriagues e ao mesmo tempo se concentrando para não cair, saúda respeitosamente Tchilanda - Bom dia Minha... Minha filha! Bom dia tio Chico respondeu ela.

Depois de alguns segundos calados, Tchilanda pensou que era tudo, mas como sempre o velho começou a falar; - graças a mim que esse Bairro permanece seguro entre os muitos Bairros dessa cidade de Sá de Bandeira.

Olha filha, continuou falando, ontem durante aquelas chuvas, eu estava a aproveitar a água, mas aqueles malandros dos rapazes da Mitcha voltaram mais, e quase roubaram as galinhas do Bernardo, eu fui atrás deles, ao atravessarem o rio, o rapaz que estava com as galinhas escorregou e as galinhas fugiram.

Tchilanda ouvia pacientemente o velho, sem o interromper, abanando apenas a cabeça.

Antes que o velho começa outra história, ela agradece o velho pelo todo sacrifico e pede licença fechando lentamente a janela.

Ainda falando sozinho, o velho caminha para sua casa, relembrando da frustração da guerra e do momento que viveu em Capelongo, ao percurso da sua caminhada, ainda encontrou os porcos na água parada. Olhando para eles e pela sujeira na sua camisa que já estava seca, abanou a cabeça dizendo - vocês só me dão motivo para beber, prosseguiu sem falar mais nada.

Tchilanda agora um pouco mais animada e com clareza do dia consegue ver os estragos que o gato fez no teto, é algo simples diz ela, apenas um pedaço da chapa que saiu da união e a pedra que fazia peso rolou para outro lado, juntando duas cadeiras ela conseguiu endireitar a chapa que estava desajustada.

Subiu pela janela para recolocar a pedra no lugar, enquanto empurrava a pedra com um pedaço de madeira, ouve o telefone a tocar desce rapidamente para atender, o telefone desligou por falta de carga, a electricidade ainda não havia restabelecido.

Curiosa para saber quem a ligou, insistiu clicar na tecla de ligar, mas lamentavelmente o telefone não ligava por falta de carga.

Era quase meio-dia, aproveitou se preparar para ir ao Mercado fazer compras, com um pedaço de espelho conseguia ver o seu doce rosto e com outra mão desmanchava os kamambutos que fizera, as chinelas nos pés suportavam 70 kg, ela não se

incomodava com isso, se concentrava nos seus 1,60 metros de altura que herdou do seu pai.

Já na rua Tchilanda deu conta que saiu sem a sacola, com certeza voltará para buscá-la porque comprar sacos não está nos seus planos. Meia volta e lá segue ela cantarolando alegremente aquele clássico do Ti Paulito " Coisas da terra, terra da gente; Coisas da gente, da nossa banda [...] " E ao mesmo tempo tenta lembrar de onde terá posto a bendita sacola.

De volta à casa, enquanto procura a sacola, dá de cara com a antiga colecção de cacetes guardada na estante, nem dá para acreditar na quantidade de poeira acumulada ali, nem sequer vê-se a imagem da capa – por instantes ela viaja no tempo para um daqueles domingos de sentada familiar, e se vê ali pequenina a apreciar as fortes passadas dos tios, ainda dá para ver os riscos que deixaram no chão - Sem dúvida essa estante está a implorar por uma limpeza profunda. Olha para a direita da pilha de cacetes e lá está ela, a sacola perdida. No entanto, ela pega nela e antes de sair lembra-se de levar o seu telefone desligado, com ou sem electricidade na banda, a barraca da tia Zizi tem sempre música a tocar, aquele gerador antigo pode salvar o dia, talvez haja lá um espaço na ficha para pôr alguma carga na sua bateria.

A caminho do mercado Tchilanda cruza com o Bernardo, arrasado e esperançoso à procura de sinais que o ajudem a encontrar as suas galinhas roubadas, como boa amiga que é ela encoraja-o: "Procura com cuidado Man-Benas, talvez eles tenham deixado alguma pista para trás, e ouve de uma vez o meu conselho, adopta um cachorro para te ajudar a guardar a casa [...] Também admite lá, precisas de companhia nessa tua espera interminável pela Lena – (Lena, o grande amor da vida do Bernardo, foi levada para o norte pelos padrinhos para tentar a

vida onde há outras oportunidades, já passaram cinco anos e o ManBenas continua a espera ansioso pelo regresso dela) – Haja amores! Coitada da Joaninha que faz de tudo para te chamar a atenção, mas nem vês nada, preferes continuar ali solitário a cuidar das galinhas, talvez a companhia de um cão te dê alguma acção na vida [...] "

— Tchilanda! Exclama Bernardo.

Dito isso, ela põe-se a correr às gargalhadas, gritando de longe " alguém tem que te dizer a verdade nessa vida amigo".

Quando chega no mercado, vai logo para a barraca da tia Zizi, como era de se esperar ouvia-se a música desde a entrada e ela a soltar a voz desafinada – *" Já pintei no para choque um coraçaão e o nome dela."* – Cota Zizi, romântica incurável, se o Roberto Carlos viesse até Sá da Bandeira, já sabemos quem provavelmente teria um ataque cardíaco de tanta emoção. Depois de uma saudação calorosa, coloca o telefone a carregar e sai à procura dos seus ingredientes.

Quiabo, beringela, tomates, um pouco de jimboa e massango para as pombas. Agora falta um bom peixe seco que só a
Mãezinha vende para sair o calulú, vai logo ao encontro dela mas parece que hoje tudo o que a Mãezinha tem são cabuenhas. Calulú de cabuenhas? – Nem pensar! – Mudança de planos, quem resiste a uma boa cabuenha com súmate? Hummm! Já dá até para saborear [...] E ainda sobra troco para uma paracuca do Zequinha. Depois das compras feitas Tchilanda volta para a barraca da tia Zizi para pegar o telefone que já tem metade da carga, despede-se e volta para casa. No caminho, distraída a comer a sua paracuca tropeça nos porcos empilhados, estendidos no passeio todos

enlameados a apanhar sol. Quanta ousadia, o bom é que não chegou a cair, mas uns bons grãos da sua paracuca foram para o chão, ohh não, o chinelo rebentou, e ainda só tem meio caminho andado.

Sem grandes complicações ela pega nos chinelos e segue o seu caminho descalça, não seria a primeira vez que os seus pés sentiriam a textura do chão dessa Minhota.

Já em casa enquanto se prepara para começar a cozinhar, lembra da chamada que não chegou a atender de manhã, agora com carga no telefone pode finalmente ver quem lhe estava a ligar... Era um número desconhecido, mas deixou uma mensagem que dizia " O teu primo Kiame saiu ontem daqui para passar uma temporada contigo. Prepara as condições para o receber no fim do dia." – Tia Lúcia

— Que notícia boa, a chegada do primo Kiame sempre foi sinónimo de diversão e aventuras [...] O que faremos dessa vez? – Se questiona Tchilanda contida pela emoção.

As panelas estão no fogo e ela começa a organizar o quarto para o Kiame, a energia finalmente reestabelece ela coloca logo uma música para ganhar mais inspiração, então batem à porta. Tchilanda abre é o primo que chegou mais cedo do que ela esperava, feliz e emocionada com a chegada do seu companheiro de aventuras ela abraça-o, mas logo se apercebe que ele está acompanhado.

— Quem é este? Hummm! É o Ndombe Tchilanda, respondeu Kiame com o rosto no chão e coçando a cabeça.

— Ndombe!? Repetiu Tchilanda, assustada puxa Kiame para o interior da sala e fala baixinho bem irritada, o que ele está a fazer aqui?

— Calma, calma! É uma longa história, respondeu Kiame agora mais concentrado.

Sabes que no Bata-bata não tem táxi, o Ndombe agora vive lá e me ajudou a chegar aqui com a sua Kaleluia por isso é que chegamos cedo, olhando atentamente ao seu primo ainda irritada pediu para ele entrar, mas não o dirigiu nenhuma palavra.

Já havia passado dezoito anos desde que Ndombe saiu da velha Minhota, Tchilanda ainda guardava raiva do seu amor que simplesmente foi sem lhe dizer nada e durante esse tempo nunca se ouvia nada sobre ele.

Ndombe vivia com a sua Tia, na altura, sua casa era ao lado do velho Chico, a casa já não existe foi derrubada com as chuvas, e naquele tempo ele era o verdadeiro amor da Tchilanda.

Instalou-se um silêncio enquanto comiam, Kiame olhavam no rosto dos dois indicava saudades e ao mesmo tempo tristeza. Assim que terminaram de comer Tchilanda pediu insistentemente ao seu primo que Ndombe não podia ficar em sua casa, por causa das velhas memórias.

Desde o momento que descobriu que Ndombe estava em sua casa ela não dirigiu a ele nenhuma palavra. Ela nem terminou de comer, irrompeu-se em choro e correu para o quarto, o clima estava pesado, nunca mais Tchilanda se sentiu assim desde que ele se foi.

Kiame e Ndombe saíram para procurar uma casa onde o amigo poderia ficar, no meio da rua Ndombe se lembra dos velhos tempos, Kiame olha atentamente ao amigo e disse, o que você fez a minha prima? Ele permaneceu calado, nunca falou a ninguém a respeito dos seus sentimentos, os amigos conheciam muito bem a história da família e que ele era um bom rapaz para Tchilanda.

Ainda calado, Ndombe virava a cabeça de um lado para outro lembrando o bom momento que viveu ali, Bernardo estava a ir para falar com a Tchilanda sobre o assunto dele ver a possibilidade de arranjar uma companhia, Tchilanda falou brincando, mas Bernardo levou o assunto sério. É interrompido com um abraço de Ndombe e ele se surpreende. – Há quanto tempo disse Bernardo abraçando fortemente o seu velho amigo.

Houve tempo de ansiedade e de verdade nesta velha Minhota apesar do tempo ela continua a mesma, é o Bairro mais pequeno, mais silencioso e pobre de Sá Bandeira mas tinham a sua consistência.

Bernardo quase não reconheceu Kiame, pois não nasceu no Bairro. Ndombe pergunta se poderia passar alguns dias com ele. Não sei se dará jeito, estou aguardando alguns familiares, olha o velho Chico está sozinho e pode ser uma boa ideia ter uma companhia neste momento da sua vida, respondeu Bernardo.

Os sentimentos da Tchilanda ainda eram fortes e não queria sair de casa nem falar com alguém, no fundo quarto ouça o barulho da porta a ser batida em seguida de licença! De licença! Ela nem se dá o trabalho de responder, era Bernardo que estava na porta.

Ele decidiu pela primeira vez falar com a Tchilanda sobre os sentimentos e a verdadeira razão do amor da sua vida ter ido

ao norte. Ele nunca gostou de ouvir conselhos nem sabedoria vinda dos mais velhos.

Finalmente Ndombe consegue uma hospedagem, o velho Chico aceitou bondosamente receber ele por alguns dias, para o velho, ele era o menino de casa. Nunca os seus lábios proferiram desrespeito contra os antepassados, como podia eu desprezar o meu menino? Pode ficar, disse ele enchendo a cara com alegria e encolhendo os lábios soltando assobio de felicidade.

Kiame e Ndombe saíram apressadamente para buscar a mala e a Kaleluia que havia ficado.

Já instalado na casa do velho Chico, Ndombe pensava fortemente na tristeza que causou. – Será que é o momento de poder esquece ela?

— Pensou ele profundamente com os olhos fixo e atento na janela da Tchilanda.

Mas tarde, Kiame tenta novamente acalmar a prima e peça as sinceras desculpas pela situação causada.

— Sem problemas Kiame, não foi a tua intensão, respondeu ela ainda com tristeza e a voz roca de tanto chorar.

Em seguida ela, se encosta na janela a observar sem querer os movimentos da sua inesperada visita, agora que ele está de volta a pergunta que não quer se calar é: Porque é que incomoda tanto a sua presença? 18 Anos de ausência não foram suficientes para esquecê-lo?

Afasta-se da janela e procura uma maneira de se distrair e desviar a atenção dos pensamentos que a inquietam, ela pega num papel e lápis e põe -se a rabiscar.

Fazer isso sempre foi melhor do que falar com qualquer pessoa sobre como se sente. Na verdade, as paredes da casa dela estão marcadas com 18 anos de quadros lindos dos chamados rabiscos que por causa da partida inexplicada do Ndombe ela andou a fazer.

Entretanto, Bernardo continua a bater na porta. Preocupado com o silêncio anormal da sua amiga, ele chama "Tchilanda, Tchilanda, o que se passa amiga?".

Com pena da preocupação evidente do seu amigo Tchilanda decide abrir a porta para o tranquilizar.

— Tranquilo Man-Benas, estava só a ter uma reunião comigo mesma. – Disse ela com um sorriso forçado tentando evitar mais questões. Bernardo logo percebe o que se passa, mas decide esperar por uma oportunidade melhor para falar sobre o assunto.

— Então o que te traz aqui a essa hora?

— Na verdade, minha amiga, fiquei a pensar no que me disseste mais cedo, já faz muito tempo que tento encontrar conforto na solidão, mas a verdade é que não tenho tido sucesso nesta busca, não estou feliz e quero acabar com essa situação.

— Finalmente vai comprar um cãozinho? – Questiona Tchilanda a sorrir.

Eu falei a brincar, mas já faz muito tempo que a Lena partiu, e sem explicações concretas, diz ela, você precisa seguir com a vida.

— Há sim uma razão para ela ter ido embora, e hoje eu estou pronto para explicar [...].

Tchilanda ouve atentamente o que o Bernardo diz. Enquanto isso o primo Kiame continua pensativo, preocupado por não saber o que se passa com a sua querida prima e envergonhado por ter-lhe provocado tamanha tristeza. Por isso decide preparar o jantar, quem sabe ela se anima.

O Bernardo disse algo que a fez pensar muito, "Cada um tem a sua percentagem de culpa".

Será que ela fez alguma coisa que levou o Ndombe a decidir partir?

— Terá ela também alguma culpa?

Depois do jantar volta para o quarto ainda sem querer conversar. Ela vira de um lado para o outro na cama à procura do sono, vai ser uma longa noite.

II

Man Benas nem terminou de contar toda a História, ela já havia se retirado. Ele ficou à espera por muito tempo, mas ela não saía do quarto. Perguntou ao Kiame se poderia chamá-la. Kiame olha para Man Benas com os olhos bem aberto e disse:

— Nem adianta meu Kota, assim mesmo ela não vai falar com ninguém hoje, desde que chegamos ela está assim.

Passado algum tempo, Tchilanda já estava mais calma, parecia que tudo estava voltando ao normal, mas ainda estava deitada na cama.

Man Benas ainda está à espera dela, ansioso para terminar de contar a história.

Há boatos de que o amor da sua vida está no Norte com outro homem, mas nunca se confirmou e Man Bena não se incomoda com isso, mesmo apesar dos vizinhos as vezes se questionando: *como é possível uma mulher abandonar a sua casa por causa dos negócios? Depois foi ao Norte! Man Benas é homem de verdade ya?*

Tia Zizi voltou um pouco tarde apesar de não ter ido ao mercado, e como sempre a desculpa é óbito. Ao ver Ndombe na casa do velho Chico pulou de alegria, mesmo com a escuridão o reconheceu e disse eu pensei que nunca mais te veria, como tens passado? Continuas a viver no Kapangombe? Perguntava Zizi.

— Não tia, já há cinco anos que não vivo lá, estamos agora no Bata-bata. Hummm! Já casaste e tens quantos filhos? Perguntou Zizi com um ar de curiosidade.

Com um sorriso tímido respondeu Ndombe, ainda não tia, também não tenho filho. Com muito atrevimento e simpatia, ela continua a questionar enquanto Ndombe reparava a sua Kaleluia e respondia todas as questões com o devido respeito.

Mesmo trabalhando até a noite, Ndombe não teve nenhuma possibilidade de ver Tchilanda. O seu amigo também estava em casa a fazer as pazes com a prima.

Ainda no silêncio daquela noite, já um pouco tarde, voltando a casa, Bernardo, com os pés descalço marcando o solo da velha Minhota caminha de beco em beco continua procurando as galinhas com um ar de desespero.

Os jovens da rua se mantiveram em silêncio mesmo vendo o desespero dele naquela hora. As marcas dos seus pés se apagavam à medida que escurecia. Ninguém podia ser incriminado. Lamentavelmente, ele nem dormia de tanto desespero, agora ainda mais por ter falado com Tchilanda.

Ndombe vê de longe o desespero do Bernardo e grita a distância – Até aqui nada? Com a mão levantada Man Benas faz sinal indicando que ainda não havia encontrado, não se importando com a escuridão.

Naquela noite ninguém ousava perguntar-lhe sobre as galinhas apenas o Ndombe. Ainda triste Bernardo caminha em direcção a sua casa. A seguir Joaninha aparece bem na frente dele com lanterna acesa numa mão e galinhas na outra e disse-lhe – acho que essas galinhas te pertencem.

Assustado ele reconhece que são suas, recebe com um ar de alívio sem agradecer. – Joaninha se retira dizendo - obrigado nunca matou ninguém.

Então, lá estava Bernardo mais uma vez pensativo pelo fato de não ter agradecido a Joaninha, o seu orgulho o impediu de o fazer. Mas também ela sabia que eu estava à procura das minhas galinhas, como que demorou esses dias todo para me devolver? – Pensava ele sentado na porta depois de ter colocado as galinhas na capoeira e ter melhorado a cobertura que foi arrombado pelos rapazes da Mitcha.

— Talvez eu esteja enganado. Respondia a si mesmo enquanto continuava sentado.

Ndombe continuou a reparar a sua mota usando a luz na lanterna e na expectativa de ver Tchilanda, mas não acontecia.

— Dizem que desde muito tempo a família do Ndombe nunca se deram bem com a família da Tchilanda, mas essa não era a verdadeira razão de Tchilanda ter agido daquele jeito ao ver ele.

Ndombe notou uma movimentação na janela habitual da Tchilanda, pareceu ela a levantar a cabeça para ele, mas era Kiame por causa do frio estava a usar boné na cabeça. Ndombe prosseguiu como se não tivesse acontecido nada, mas o seu coração palpitava de saudades de ver o amor da sua vida.

Da janela Kiame começou a gritar, mesmo não havendo necessidade por causa da proximidade – Meu! Ainda não arranjaste a moto? Olha, tenho novidades para ti? - Pensando que Kiame iria falar boa coisa, Ndombe respondeu- Manda vir! Vai descansar amanhã te conto melhor respondeu Kiame e fechou a janela.

— Estavas a falar com quem? Perguntou a prima. Era o Ndombe, que pena, está a tentar reparar a mota com essa escuridão nem dará conta da avaria, respondeu Kiame.

— Uh! E ele entende mesmo de Moto? Resmungou Tchilanda, Kiame olhou para a prima e disse, olha, ele é um bom rapaz, antes de ele chegar no Bata-bata eu não tinha amigos, e ele ajuda toda agente. Sai daqui ya! Assim já ele é vosso salvador nê? Respondeu ironicamente Tchilanda.

Ouvia-se alguns rumores vindo da estrada principal dizendo – a casa dele é lá, pega bem, pega mais forte, vamos, vamos! Falta pouco.

De dentro, Tchilanda ouvia toda conversa de fora, pensou ela, deve ser os rapazes da Mitcha, assim foram lutar e um dele está feriado.

Quanto mais se aproximavam mais intensificavam a conversa. Na verdade, não eram os rapazes da Mitcha, eram alguns jovens que viram o velho Chico embriagado e caído pela rua do bar da Aliança Francesa, o famoso bar dos reformados e antigos combatentes, os jovens estavam a levá-lo a casa.

Todos estavam curiosos, aquela voz nunca se ouvia no Bairro, em algum instante a maioria estava bem na entrada do Bairro e reconheceram o velho. Agora mais confiada Tchilanda e o primo saíram do interior da casa para ver o que estava a acontecer, é o velho Chico é o velho Chico alguns diziam entre a multidão.

Ndombe estava no fundo do quintal na casa de banho a lavar-se, Kiame e Bernardo receberam o velho agradecendo pela ajuda.

Então empurraram a porta e chamaram Ndombe para ajudar, enquanto Ndombe procurava algo para vestir, eles largaram o velho no meio da sala por causa do peso.

Quando Ndombe saiu perguntou e agora o que vamos fazer?

— Da rua Tchilanda respondeu podemos fazer papa crua, acho que petróleo com sal na pata também ajuda.

Começaram então esfregar sal na pata e puseram um pouco de petróleo nas narinas do velho, passando algum tempo o velho começou a recuperar, em seguida deram a papa de fuba sem antes terem passado no fogo.

Finalmente a cada minuto que passava o velho se recuperava. E Tchilanda olha para velho com um sorriso melancólico. Lá estava também Joaninha sentada com os pés descalço apesar de não ser a única, mas os seus dedos sujos com a lama do Bairro se destaca nos olhos do Man Benas.

O velho já não era a preocupação, estava fora do perigo, mesmo assim todos estavam meio da sala se olhavam sem dizer nada um ao outro.

Joaninha olhou atentamente para Ndombe e disse:

— És mesmo tu, Ndombe? Sim, sou eu – respondeu ele olhando pela Tchilanda, como o tempo passa, tivemos muitas saudades tuas. Obrigado respondeu com um sorrindo.

—

Então já não voltas mais nê?

— Volto, só vim por alguns dias, também já tenho saudade de casa. É verdade que já passou muito tempo agora a velha Mitcha está diferente só o silêncio é que não mudou respondeu ele dessa vez olhando no chão.

— Faz sentido, eu mesmo um dia também vou sair daqui, vou apanhar outros ares acrescentou Joaninha. Foi neste momento que Tchilanda levantou e deu conta que também estava descalça. Envergonhada, pediu licença para sair. Ndombe olhou para ela e mudou imediatamente a conversa antes de ela sair, perguntando ao Bernardo, se havia encontrado as galinhas, Tchilanda ao ouvir ficou parada na porta e acrescentou, é verdade

— Conseguiste encontrar?

Man Bena olhou sem jeito para Joaninha e disse: graças a Joaninha consegui encontrar e acrescentou, também já está tarde precisamos dormir, todos começaram a se retirar da sala.

No dia seguinte Ndombe conseguiu reparar a sua Kaleluia, agora um pouco mais feliz, caminha para falar com Kiame sobre os seus planos de Volta a Bata-bata. Ao bater à porta quem abre e Tchilanda, naquele instante os seus olhos cruzaram-se e Ndombe não parou de reparar no seu sorriso e ele ficou simplesmente parado na porta sem ter coragem de dizer alguma coisa.

— Olá! – Diz Tchilanda, agora mais descontraída depois do tempo que levou a reflectir fechada no quarto.

Mas o Ndombe mal consegue soltar uma palavra.

— Podes entrar. Vieste ter com o meu primo? E ele mesmo assim, nada falou, simplesmente entrou.

— O que foi? O gato comeu-te a língua ou ela congelou por causa do frio do Caculuvar? – Diz Tchilanda quase irritada.

— Na-na-ni-na-não Tchilanda, a minha língua está boboa.

— Agora gaguejas? Pergunta ela, ironicamente, enquanto se retira e chama o primo: "Kiame, o teu amigo está na sala, parece que veio falar contigo. Não tenho certeza porque ele mal diz uma palavra completa". Ela fecha a porta do quarto mas fica atenta para ouvir a conversa na sala.

— Então amigo, como assim não consegues falar? O que se passa?

— Está tudo bem broh, só fiquei surpreso com o atendimento tão simpático da tua prima, sorriso tão bonito... Realmente há coisas que não mudam.

— Okey! Sussurra Kiame, parece que estás mesmo a viajar... Respira, senta ainda um pouco aqui nessa cadeira e tenta voltar para a terra porque a lua não foi feita para os humanos lá irem - Provoca ele sorrindo.

Tchilanda quase que cai com a porta do quarto, mas não consegue ouvir nada do tão baixo que eles falam.

— Me diz, o que te traz aqui tão cedo?

— Então já vais embora?

—

Sim broh [...] Estar aqui e rever tantos amigos queridos tem sido muito bom, é como viajar de volta ao passado e reviver alguns dos melhores momentos que já tive na vida, mas ao mesmo tempo tenho que encarar as consequências duras de algumas acções e decisões que eu queria nunca ter tomado.

— A minha prima, nê?

— Sim! Parece que para ela se tornou pesado demais respirar o mesmo ar que eu.

O que aconteceu convosco afinal? Eu lembro que vocês eram os melhores amigos que existiam, quase inseparáveis [...] O que houve de tão grave para chegarem a esse ponto?

— Amigo, essa é a história que eu não vou contar hoje, talvez um dia quando estiveres de volta ao Bata-bata... Mas eu quero o melhor para ela e por mais que goste da velha Minhota que me viu nascer e crescer tenho que admitir que aqui já não é o meu lar, por isso vou ao mercado comprar algumas coisas para o velho Chico e vou embora amanhã logo que amanheça.

Se acreditas que é o melhor então está bem Ndombe.

Mas talvez essa seja a tua oportunidade de tentar concertar alguma coisa, cuidado para não a jogares fora.

— Vou pensar nisso.

E como eu faço para voltar para casa depois? Questiona Kiame rapidamente.

— Quando estiveres na fronteira podes me ligar, lá já tem rede para o telemóvel e uma cabine telefónica também.

— Hã [...] Está fixe então, não esquece de passar para despedir mais tarde.

Desse modo o Ndombe levanta e vai embora fazer as suas compras. Assim que ouve a porta a fechar Tchilanda sai do quarto com a curiosidade na ponta dos cabelos, na esperança que o seu primo lhe contasse tudo, mas ele simplesmente volta para o quarto e continua a tentar trocar a lâmpada que fundiu e ficou presa no bocal. Então ela decide ir procurar o Bernardo para se desculpar por tê-lo deixado na sala à sua espera no outro dia, e também para ver se as galinhas que apareceram eram realmente as dele.

No caminho Tchilanda não consegue parar de pensar no que o Ndombe talvez tenha dito ao primo Kiame, "Ele me fala sempre tudo, será que lhe custava tanto assim dizer qual era o assunto?"

— Resmunga ela... De repente se depara com o Bernardo sentado no chão à frente da sua casa muito pensativo.

Man-Benas parece que o desespero te consumiu, o que houve? As galinhas voltaram a desaparecer?

— Não Tchilanda, que ninguém te ouça dizer isso, as minhas galinhas estão seguros dentro da nova capoeira que construí.

Então o que se passa?

— Hum! Joaninha [...].

— Ela salvou as tuas galinhas, nê?

—

Sim, ela trouxe todas de volta. E eu nem agradeci. Agora ela quer ir embora para respirar novos ares.

— Por isso é que estás aqui sentado a pensar? – Vai logo e agradece enquanto há tempo.

— Eu vim me desculpar por ter saído sem terminar nossa conversa ontem, não estava bem.

— Não precisas te desculpar, nota-se que os dias não têm sido fáceis para ti, mas agora eu vou.

— Vais aonde? – Me desculpar e agradecer à Joaninha pelo bem que me fez […].

— Esse Man-Benas, outro imprevisível. Agora a Tchilanda está sozinha, e tem que encontrar outro rumo. Decide então ir ver a tia Zizi no mercado e apreciar um pouco a música alta dela.

Bem no meio do caminho deu de cara com o Ndombe, cansado a carregar os sacos das compras que fez para deixar para o velho Chico, a curiosidade voltou a bater forte nela, cheia de coragem pergunta:

— O que tanto conversaste com o meu primo que lhe deixou cabisbaixo?

Ndombe nem acredita que agora vai ter que explicar e se despedir dela também [...].

Pois os dias se passaram e o seu amor por ela só crescia, mas o erro do passado nem o deixa resolver o conflito interno e nem consegue expressar os seus sentimentos. Ele sabia que aquele

momento era a maior oportunidade que tinha, mas também estava inseguro quando a reacção da Tchilanda. Quanto a pergunta que ela fez ele nem respondeu ficou a observar apenas.

— Porque que és sempre assim? Nunca responde às perguntas? Questionou novamente Tchilanda mas uma vez incomodada com o silêncio dele.

Alguns metros de onde eles estavam parados, havia um tronco de uma árvore e Ndombe pediu para se sentarem, pois estava cansado de tanto carregar os sacos.

Em seguida Ndombe começou a falar," lamento por tudo Tchilanda mas eu nunca consegui te esquecer os 18 anos que passaram eu sempre escrevi cartas e nunca obtive as respostas da sua parte, você é a pessoa que sempre me fez feliz, não entendo porquê que me tratar como estranho? Te amo, mas mesmo assim nem se importas com isso.

O tempo nunca apagou o amor que sinto por ti, o bom de ter voltado a velha Minhota foi rever o teu doce sorriso e o olhar angelical que tens.

Tchilanda estava calada com a língua presa e o coração na mão, impressionada com a coragem dele, mas nunca soube das cartas durante esse tempo todo. Naquele instante ela sentiu um profundo aperto no peito fingiu que estava tudo bem.

Depois de ter terminado de falar, Ndombe respirou fundo e se levantou dizendo novamente: Tchilanda, você sempre será o amor da minha vida, independente da distância, com lágrimas nos olhos se retirou.

Aquelas doces palavras que Ndombe pronunciou não parava de pairar na cabeça da Tchilanda, ela nem estava a acreditar no que estava a acontecer, vê Ndombe a caminhar a passos largos simplesmente chora sem dizer nada.

Ndombe, chega à casa do velho Chico com um rosto de pesar, o velho estava sóbrio, já faz alguns dias que não consome álcool depois daquele episódio. Ele reparou que o rapaz estava profundamente amargurado e com o rosto abatido, perguntou-lhe o que passa filho? - Nada tio, talvez é só saudades, hoje mesmo tenho que voltar, aqui estão algumas compras que fiz, não sei quando é que voltarei para essas Bandas, mas muito obrigado.

O velho Chico deu-lhe um forte abraço e lhe disse aqui é sua casa meu filho, muito obrigado pelas compras e por me cuidares.

Tudo já estava preparado, Ndombe ligou a Moto (Kaleluia) e se foi com coração partido de mais uma vez deixar a terra que o viu nascer, dessa vez já não tem a certeza de voltar a ver o amor da sua vida, com lágrimas nos olhos pressionou a fundo o acelerador para não ser visto a deixar a velha minhota.

Tchilanda chega a casa completamente triste com ela mesma por não dizer nada quando Ndombe expressou os seus sentimentos.

Ela também a ama profundamente, mas ainda estava chateada por ele ter sumido durante dezoito anos sem se despedir. Ao chegar a casa ela nem se quer dirige palavra a seu primo, com olhos inflamados de tanto chorar, entrou no seu quarto e correu imediatamente para janela.

Sem ser percebida ela observa toda a movimentação da rua, mas acho algo estranho não vê Ndombe nem a sua moto.

Pensando bem ela disse: eu vou falar com ele amanhã antes de ele ir embora.

Lamentavelmente ela não consegue dormir e como sempre tenta rabiscar para se distrair, simplesmente pensa nas palavras do Ndombe e nem o rabisco consegue fazer.

Ela sempre ficou à espera dele, no calar daquela noite ela pensava unicamente em Ndombe.

Fixou o seu olhar em cada rabisco que fizera para expressa a esperança no amor da sua vida e desfolhava suavemente. Finalmente os seus olhos começaram apesar de tanto sono, já era muito tarde quando ela finalmente caiu no sono.

III

Ao raiar do sol, a velha minhota despertou com a calma habitual, o velho Chico que quase não dorme já estava sentado na sua porta com a rádio ligado, não é à toa que é chamado o guardião da Minhota.

Tchilanda ainda com os olhos inflamados por não ter dormido o suficiente, corre para sua janela favorita para ver se consegue falar com Ndombe, do outro lado, na sala da sua casa, o primo estava preocupado, desde que acordou não ouviu nenhuma movimentação da prima, passado algum tempo ele se aproxima e começa a bater à porta, Tchilanda bom dia tudo bem contigo?

— Está Tudo Kiame? Respondeu a prima.

Tanto Kiame quanto Tchilanda estavam na expectativa de se despedir do Ndombe e Tchilanda estava a preparar o coração para finalmente expressar o amor que sentia também e até estava disposta a esquecer o que aconteceu a dezoito anos atrás.

Ela levantava, sentava, ensaiando o que iria dizer. Passando algum tempo ela se levantou e preparou-se. Enquanto penteava o cabelo ouve o barulho no portão: – Bum, bum, bum!

E fala baixinho ao primo, deve ser o teu amigo, vai abrir o portão.

— Xé! Tchilanda vai você, estou ocupado.

— Kiame está a gozar nê! Vai abrir o portão, ele se levantou e ao abrir o portão era Joaninha, queria falar com a Tchilanda.

No interior da sala Tchilanda estava completamente ansiosa, e ouve a voz do Kiame dizendo pode entrar ela está no quarto dela.

— Como é que Kiame vai deixar entrar ele até ao meu quarto? Ela sai apressadamente do quarto para a sala se vê de cara com a Joaninha. Assustada perguntou - Por aqui a estás horas?

— Sim Tchilanda. – Respondeu, Joaninha, e acrescentou: — desculpa se não é um bom momento para conversar, vejo que estás preparada pronto para sair.

— Nada não Joaninha, me preparei só, não vou a nenhum lugar, senta, podemos conversar.

Joaninha estava empolgada para contar que o ManBenas agradeceu por ele ter encontrado as galinhas e estava disposta a ama-lo se ele esquecer a Lena.

Tchilanda estava sentada a ouvir a conversa, mas o seu coração e mente pensava simplesmente no Ndombe e observava a movimentação do portão, mas não era ele, àquela hora ele já havia chegado no bata-bata.

— Viste o Ndombe? Pergunta ela interrompendo a Joaninha.

— Estou atenta desde cedo e não vejo nenhum sinal dele e nem da moto.

O Ndombe não percebeu por causa da velocidade, mas tinha passado pela Joaninha quando se ia embora.

— Vi sim, mas já foi ontem de noite, respondeu a Joaninha. Pela velocidade acho que foi embora.

— Foi embora Kiame? E não se despediu novamente? Questiona Tchilanda já com lágrimas nos olhos.

— Espera prima, não pode! Vou agora na casa do Velho Chico para saber.

A Joaninha ficou preocupada ao ver o rosto abatido de Tchilanda.

— Querida Tchilanda, qual é o problema afinal? Todos estávamos convencidos de que com a volta do Ndombe vocês iriam finalmente se acertar. Agora que são mais adultos e as vossas famílias já não estão contra.

— Nota-se muito bem como vocês se amam.

Tchilanda tenta explicar mas as palavras não lhe saem e afoga-se em lágrimas... Joaninha consola a sua amiga.

Enquanto isso Kiame chegou na casa o velho Chico e confirmou a suspeita, o Ndombe disse que já não aguentava as saudades e foi-se embora ontem mesmo muito abatido, a essa hora já deve estar a chegar no Bata-bata.

— E eu que pensei que ele finalmente ia resolver as coisas com a tua prima! - Exclamou o velho Chico.

— Kiame está cada vez mais confuso.

— Mas afinal o que aconteceu que ninguém me conta?

— Vai buscar um banco, senta aqui ao meu lado e eu te explico.

— Sabes filho, eu sou o morador mais antigo dessa linda Minhota, vi todos esses rapazes a nascer e a crescer bem aqui. A tua prima sempre foi uma menina muito especial apesar dos dias de mania dela. Ela e o Ndombe costumavam brincar juntos desde bebés formavam uma bela equipa e à medida que cresciam nós nos convencíamos de que eles dariam um casal exemplar. Mas certa vez o pai do Ndombe e o da Tchilanda se desentenderam e ficaram de costas viradas pelo resto da vida só que isso não acabou com a amizade dos meninos. Então numa noite de surpresa o pai do Ndombe chegou e levou a família para as terras do Batabata, sem se despedirem de ninguém além de mim e da minha querida esposa. Tanto o Ndombe como a Tchilanda sofreram muito com a separação, e eu vi com esses meus olhos como levou tempo até ela recuperar o sorriso, muitos dias se passavam e ela ficava no canto a olhar pela janela para casa do Ndombe que ficava bem ali na esquina, na esperança de vê-lo voltar um dia, apesar de as chuvas terem destruído a casa e terem sobrado apenas ruínas.

O amável menino Ndombe sempre se lembrava de nos enviar carta a dar notícia, e por muito tempo mandou para a sua querida Tchilanda também, mas o pai dela jogava fora todas elas sem que ela sequer se apercebesse.

A minha querida Lúcia pacientemente recolheu todas as cartas que conseguiu e guardou para entregar no momento certo, 18 anos passaram eu até já me tinha esquecido dessas cartas, mas com a chegada do Ndombe pus-me a procurar e encontrei. Estão na caixa em cima da mesa, podes pegar por favor filho?

— Claro que sim.

— Que situação!

Leva a caixa e entrega à tua prima, há também uma carta que a minha Lúcia escreveu a explicar porque é que guardou as cartas por tanto tempo e o que realmente aconteceu para o Ndombe nunca mais ter voltado.

Kiame muito sentido com a história que ouviu pegou na caixa e voltou para casa, sem coragem de dizer nada entregou a encomenda à prima e foi para o seu quarto pensativo.

Tchilanda abriu a caixa e não podia acreditar, eram 200 cartas e mais uma dá senhora Lúcia que dizia no envelope " Por favor leia este primeiro"

Tchilanda começa a ler a carta na companhia da Joaninha e do Bernardo que veio ao seu encontro para lhe contar as novidades, mas acabou ficando preocupado com o estado da sua amiga. Ela leu a carta e logo entendeu tudo.

Desapontada com o comportamento do seu falecido pai Tchilanda finalmente entende o que aconteceu e as palavras do Ndombe na sua última conversa começaram a fazer sentido.

Ela leu às cartas uma seguir à outra naquela mesma tarde e percebeu a quão errada estava com relação ao Ndombe.

Foi agradecer ao velho Chico por ter conservado tão bem as cartas mesmo depois da morte da sua esposa e por ter-lhe entregado no momento certo.

— Mas o que fazer agora que ele se foi?

— Ela nem sabe como contactá-lo.

Infelizmente, os sentimentos de culpa mais uma vez se instalou na mente dela.

Com o corpo cansado e a caixa das cartas aberta, ela se a fasta sem dizer nada, Man-Benas e Joaninha começam a murmurar com os olhos bem aberto vendo as lágrimas que escorriam no rosto da Tchilanda.

— Não tenho sorte em amar, disse Tchilanda.

— Que é isso?

— Não diga isso, nós te amamos Tchilanda, não estás sozinha, disse o Man-Benas e Joaninha concordou abanando a cabeça.

— Não é disso que estou a falar, eu simplesmente estou com medo da situação e estava à espera de um bom momento para lhe contar o quanto o amo.

— Agora sei que nunca haverá uma outra próxima vez.

— Xé! Cuidado com que dizes Tchilanda - gritou Kiame encostado nas gaiolas das pombas.

Tchilanda olhou para o primo com aquele olhar intimidador e lhe desse: não me chateia, você nunca irá entender os meus sentimentos.

Man-Benas estava parado, agora sem dizer nada, mas encurvava os seus olhos em observar Joaninha, e teve a coragem de dizer que teria de ir embora e se retirou apressadamente.

Assim que a Joaninha também se retirou, Kiame de forma espontânea disse a prima,

— Amanhã quero partir. Tenho muita pena de ti, queres ir comigo?

Ainda aborrecida ela olhou para o primo e foi para o quarto sem dizer nada como sempre.

— Pelo menos tentei ajudar.

Kiame estava a falar a verdade, mesmo sabendo da dificuldade de chegar no bata-bata, ainda assim queria fazer algo para ajudar a sua prima.

Durante a noite Tchilanda ficou reflectindo na proposta do primo, mas estava preocupada com as pombas e a casa. Ela caiu no sono com aquele pensamento.

— Socorro! Socorro! Ouve-se a voz do Ndombe, enquanto conduzia a sua moto atropelou um boi e o povo daquela aldeia estavam furiosos e muito agressivos, Ndombe estava todo sanguentado e não conseguia obter ajuda necessária.

Enquanto corria para obter ajuda e achando que iria morrer se dá de cara com Tchilanda mas sem força ele cai e desmaia, vendo aquilo Tchilanda começou a gritar.

— Não, não, Ndombe, eu te amo.

Os gritos foram tão alto que despertou Kiame e ele correu para a porta dela e bateu forte na porta que a assustou e despertou do sono, ela estava a sonhar.

Ainda assustada, Kiame deu-lhe um abraço para a tranquilizar e ela pede água. Ainda assustada não acredita no sonho que tive.

Sentada na cama olhando de frente a caixa das cartas não resistiu à tentação de voltar a ler algumas delas.

De repente Tchilanda ouve um barulho no teto, Kiame já tinha ido no seu quarto e ela ainda estava acordada.

O barulho que se ouviu eram os ratos e ela já não conseguia dormir.

IV

No dia seguinte, ao levantarem-se de manhã cedo, Kiame estava mesmo decidido a voltar ao Bata-Bata.

Tchilanda olhou para o primo e disse que não iria, mas ele estava mesmo decidido a voltar, também provavelmente a sua mãe deve estar com saudades e preocupada.

Kiame terminou de arrumar a sua mala e deu um forte abraço a prima dando-lhe adeus, ao sair de casa ouve vozes típica a ecoar a velha Minhota: psi, psi! Matará vassó vassó, era os rapazes que zungavam mata rato e vassoura.

Kiame continua a sua caminhada em direcção a paragem a Humpata.

Da praça da Humpata ele ficou a espera por muito tempo de táxi, mas como sempre não aparecia e nem as Kaleluia estavam à disposição.

Depois de algum tempo, finalmente passou uma carrinha e Kiame pediu que fosse levado tendo em conta que o mesmo iria para o bata-bata, ele teve que viajar na Quibala da carrinha.

O carro fez uma paragem para poderem descansar as pernas, todos começaram a descer e a conversar, mas Kiame decidiu ficar pois já tinha finalmente encontrado algum conforto na quibula.

Ele ouve uma voz familiar, parece o Bernardo, espreita um pouco para confirmar e sim é realmente o Man-Benas.

— Companheiro o que fazes aqui? - Decidiste finalmente ampliar os teus horizontes?

Man-Benas vê o amigo e logo se sente mais aliviado por ter agora companhia para chegar ao seu destino desconhecido.

Primo Kiame, responde ele em tom de brincadeira, vou respirar novos ares.

Que bom, senta-te ao meu lado e aproveita explicar melhor essa história porque a viagem ainda é longa - respondeu o Kiame.

Bernardo ofereceu o seu lugar dentro da carrinha ao senhor que subiu na quibula com o Kiame e seguiu viagem ao lado do seu companheiro.

— Ontem fiquei preocupado com a tua prima, passei a noite em claro a pensar no que fazer para ajudar, então decidi ir eu mesmo ao Bata-bata buscar o Ndombe e levá-lo até ela.

Grande amigo que tu és Bernardo, muito obrigado por cuidares tão bem da minha Prima. Eu decidi vir embora hoje também na tentativa de conseguir trazê-la comigo para eles se encontrarem lá. Mas a Tchilanda é tão apegada à sua Minhota que não pensou duas vezes e não aceitou.

— Quem iria cuidar das pombas e do peixinho no aquário, nê?

Estava mesmo aqui a pensar no que mais poderia fazer para tentar ajudar.

Mas a tua iniciativa é muito boa e podes contar comigo para levar o Ndombe de volta.

Depois de alguns buracos e muito sobe e desce finalmente chegaram ao Bata-bata, Bernardo reclamou tanto da viagem e prometeu nunca mais voltar, mas logo mudou de ideia quando os seus olhos bateram no lindo pôr-do-sol entre as montanhas, poucos lugares exibem um espectáculo assim disse ele.

E ainda não viste nada Man-Benas, vamos para casa e vem experimentar os quitutes da minha mãe... Não vais querer voltar para as tuas galinhas. E quem ficou a cuidar delas?

— Pedi que a Joaninha passasse em casa para controlar.

— Haã... A Joaninha, ruhm! Está bem (riso)

— Não sejas tendencioso Kiame vamos lá para casa tomar um banho e depois procurar o Ndombe.

— Meu filho, estás de volta! - Exclamou a mãe do Kiame ao vê-lo chegar!

— Voltei mãe, surpresa!

— Surpresa? Mereces mazé um bom puxão de orelhas por não teres dado notícias durante esse tempo todo.

— Desculpa velha, a rede não facilitou as nossas vidas, mas já estou de volta e trouxe visita.

— Visita?

— Boa noite tia!

— Boa noite filho... Esse é o Bebé, filho da mana Teresinha da Minhota?

— Sim tia, sou eu.

— Você está um homem meu filho!

— Mas a tua carinha não mudou nada.

A mana Teresinha tinha as melhores galinhas da província, cuidava tão bem delas que algumas até parece que já faziam parte da família. Ficava triste na hora de vender.

— Então esse amor pelas galinhas é hereditário, ManBebé? Gozou o Kiame.

— Entra meu filho, seja bem-vindo ao Bata-bata.

— Sinta-se à vontade, já estou a preparar o jantar.

— Obrigado tia!

Depois do jantar eles decidiram sair em busca do Ndombe, mas ele não aparecia em lugar nenhum, nem a mãe dele sabia do seu paradeiro naquele dia, ele está estranho e muito cabisbaixo desde que chegou da viagem - disse ela - Talvez tenha saído para se distrair um pouco.

Kiame e Bernardo decidiram voltar para casa por causa do cansaço da viagem e voltar a tentar encontrá-lo amanhã.

Mas a caminho de casa ouviram alguém a chamar por eles, "Kiame, Kiame" - Ndombe?

— Como é que chegaste sem ligar para te pegar?

— Bernardo? - O que fazes aqui?

Felizmente encontrei um bom homem que me ajudou, vim na quibula de uma carrinha que quase quebrou as minhas costelas, mas prontos chegamos e Man-Benas também estava no mesmo carro que eu.

E tu Man- Benas o que é que fazes aqui?

— Olha eu vim por causa da Tchilanda, ela não está bem desce que foste.

Ndombe olhou para Man-Benas e disse: ela nunca esteve bem com a minha presença, ela nunca irá me perdoar, e se retirou daquele meio.

Man-Benas perdeu a fala só de ver atitude que Ndombe apresentou.

— Viste Kiame? Esse Ndombe sempre é cabeça dura, não sei o que Tchilanda vê de especial nesse homem.

Os dois seguiram para a casa, pois já estava a escurecer e com muito frio, decidiram fazer fogueira.

A Volta da fogueira Man-Benas ficou a rir sozinho enquanto refletia na motivação que o troce ao Bata-bata.

Sempre teve coragem de ajudar outros, mas para si próprio nunca teve forças suficientes para exprimir os seus sentimentos. A sua espera pela Lena o condicionava em demostrar

o seu amor pela Joaninha que desde bem cedo já se gostava um ao outro.

Como sempre minhota guardava os verdadeiros segredos dessa gente que pelo silencio estavam dispostos a tudo. ManBenas nunca pensou que um dia teria fortes motivos para sair da sua banda, finalmente estava longe de casa naquela escuridão que graças a fogueira conseguiam ver-se um ao outro. Man-Benas sabia que Lena já não iria voltar, a última carta que ela mandou deixou claro que a vida no Norte era boa e que se ele desejasse poderia vir. Antes de sair da sua casa ele estava a reler a carta e deixou bem em cima da cama.

— Kiame estava distraído, aproveitando as chamas do fogo para aquecer o corpo enquanto Man-Benas estava a falar sozinho. Da sua casa, Ndombe conseguia ver a luz da fogueira e queria também estar lá, mas estava com receio pelo que aconteceu de tarde. Man-Benas cutucou Kiame e desse que tal chamares Ndombe? Hum! Não sei se é boa ideia, mas vou tentar.

Correu apressadamente para a casa do Ndombe, não era tão distante. Visto que Ndombe estava mesmo com vontade de estar na fogueira nem pensou duas vezes quando o convidou, enquanto caminhavam para a fogueira, Ndombe se lembrou que em casa tinha algumas maçarocas para assar e teve que voltar para pegar. De voltava a fogueira Man-Benas viu que por traz do Kiame estava a seguir um cachorro encolhido de tento frio.

— Então ele não vem nê!? Está a vir, foi só pegar maçaroca. Lá estava Ndombe com algumas maçarocas para serem assadas.

O cachorro atrevido ficou junto a fogueira para se aquecer também enquanto os olhos do Kiame estavam atendo nas

maçarocas para não queimarem. Ndombe não acreditando da presença do Bernardo perguntou novamente, o que mesmo te traz aqui? - Já te disse, a Tchilanda te ama de verdade e eu não posso vê-la assim por isso vim e gostaria que voltasse comigo.

— Eu concordo gritou Kiame assando as maçarocas.

Ela teve que esperar todo esse tempo para te ver, a pesar que já teve um namorado que só lhe destraçou a vida, mas você é o amor da vida dela, acrescentou Man-Benas segurando a maçaroca quente.

Ndombe ouvia atentamente, como sempre ficou surpreso em saber que Tchilanda tinha um namorado depois dele, se esquecendo que durante os dezoito anos sem ver ela, ele também tentou namorar alguém, mas não deu certo.

— Então, já sabes o que vais fazer? Perguntou Man-Benas. Nem sei, só sei que precisamos de dormir já é muito tarde.

Na manhã seguinte Joaninha estava na casa do Bernardo para dar alimento as galinhas, antes de sair decide entrar no quarto para ver se tudo estava organizado e vê um papel em cima da cama, curiosamente ela se aproxima para ver o que estava escrito, ao ler se apercebe que é uma carta da Lena, onde ela explica que não tem intenção de voltar para Minhota, desde aquele momento Joaninha pensou que Bernardo foi atrás dela, ao sair, ele nem disse onde iria. Pensou ela será que o Bernardo vai voltar? Muita dúvida gerava na cabeça dela, saiu dali e nem mais teve coragem de arrumar.

Tchilanda ainda desanimada conseguia seguir a vida, já por muito tempo ela não consegue desenhar, pelo menos era algo que a deixava divertida. Agora estava novamente sozinha como

sempre, parece que a solidão o persegue, e naquele momento o seu coração transbordava de saudades do Ndombe, parece que a vinda dele só ativou ainda mais o amor que sente por ele. Sozinha encostada na sua janela favorita pensava ela.

— Como a vida dá volta! O que mais essa velha Minhota ainda tem para nos mostrar? Eu que pensava que nunca mais viria o Ndombe, assim pelo menos os segredos do meu coração estavam sobrepostos nos ares dessa velha terra que nos viu nascer, agora tudo veio a superfície.

De repente ela se distrai com o cantarolar do velho Chico que estava sentado na sua cadeira, nada detém esse velho que jurou nunca deixar a Minhota.

— Quem me dera ter a mesma disposição do velho Chico pensou ela ao observar o velho.

Enquanto observava o velho Chico alguém estava a bater o portão.

— Bum! Bum! Bum!

— Em é? Gritou Tchilanda.

Sou eu! Era a Joaninha que estava no portão. Dando conta que é a Joaninha pediu para entrar.

— Estou aqui no quarto, o que se passa?

— Nada, na verdade estou preocupada com o Bernardo ele saiu e não disse onde iria, eu acho que foi ao norte seguiu Lena.

— Hum? Duvido, Joaninha, depois desse tempo todo só agora é que ele decide procurar Lena?

— Ela também nunca foi boa mulher, só lhe obrigaram casar.

— Não Tchilanda, ele foi mesmo a procura dela.

Já se havia passado três dias desde que Man-Benas estava no Bata-Bata insistindo para voltar com Ndombe, mas ele nem queria mais saber da Minhota nem da Tchilanda.

V

O tempo estava se prolongando e Bernardo teria que voltar. Durante a manhã toda ficou à espera do táxi para voltar, a Moto do Ndombe estava avariada já alguns dias, parecia ser o problema no motor, esse problema surgiu um dia depois de eles terem chegado.

Depois de algum tempo de espera, apareceu uma moto que só chegaria até no Chivinguiro, Man-Benas não hesitou subiu logo mesmo sabendo do desconforto que teria por causa dos saltos e da poeira que apanharia.

Todo empoeirado chegou a tempo de encontrar um Hyace no Chivinguiro e faltava apenas um passageiro.

Rapidamente subiu no táxi sentado perto da janela, e seguiu a viagem todo empoeirado. Ao longo do caminho, enquanto apreciava as belas montanhas, não pôde evitar pensar em tudo o que aconteceu em tão pouco tempo - apenas uma semana - roubaram-lhe as galinhas que a Joaninha heroicamente encontrou de devolveu, o regresso inesperado do Ndombe e a sua partida repentina, toda a confusão que isso causou, segredos há muito tempo silenciados que do nada se desvendaram e os seus sentimentos pela querida e atenciosa Joaninha que estão agora mais esclarecidos.

— Que loucura, pensou ele sorrindo brevemente, até eu que jurei nunca sair da minha banda acabei viajando.

Continuou a viajar nos seus pensamentos e nem se deu conta de que já tinha chegado a Sá da Bandeira, como dizem: "

Ninguém sente a viagem melhor do que aquele que está sentado ao pé da janela."

Bernardo desceu na frente do novo cine arco-íris para apanhar o táxi que lhe deixaria na Minhota, olhou para o cine e era mesmo bonito estava curioso para fazer uma visita e saber como era lá dentro, mas estava tão empoeirado que parecia ter tomado um banho de areia vermelha então decidiu ir noutra ocasião e decidiu convidar a Joaninha para ir com ele, também já estava cansado e tinha que saber como estava a sua amiga Tchilanda.

Quando chegou a casa reparou que estava tudo muito organizado e ainda havia comida e água na capoeira – com certeza a Joaninha tinha cuidado muito bem de tudo - ele ficou muito feliz por isso. Foi então tomar um banho e descansar um pouco.

Quando saía para procurar a Joaninha e a Tchilanda viu que tinha um carro parado no seu portão, foi lá ver, eram os parentes que ele esperava a tia Mimi com os seus quibutos – tudo para ela era negócio, nunca perdia uma oportunidade de trazer " as novidades da gajageira" para vender aqui, e as senhoras compravam tudo mesmo. Mas o bom mesmo é que ela sempre trazia muitos presentes. - E o primo Luege, fiel companheiro da mãe dele.

— Bem-vindos, entrem me contem como foi a viagem.

— Cansativa como sempre meu filho, pega aqui as sacolas da tua tia e ajuda a levar lá dentro. Essa estrada nunca mais melhora, desde anteontem no caminho e tinham dito que faríamos apenas um dia.

— Tem autocarros, mas a tia gosta de fazer essa viagem tão logo de Hyace, não tem como ser melhor. Essas aventuras já não são para a tua idade senhora.

— Para a minha idade? - Por acaso estás a dizer que estou velha menino? Você me respeita, ouviu? Passa aqui para me esfregar bálsamo nas pernas.

— Primo se prepara porque o novo perfume da tua casa vai ser o cheiro do bálsamo, falou o Lueji em tom de brincadeira.

— Mas vocês só me dão mesmo dor de cabeça, vai lá fazer o meu chá de casca de romã para ver de o cansaço passa, e vocês vão tomar também não adianta fugirem, é medicamento.

A tia Mimi é um amor, engraçada e alegre como só ela sabe ser – não é à toa que é a tia favorita de todos - mas manda como ninguém, nunca se levanta para fazer as coisas e está sempre a falar e a contar as histórias das suas viagens de negócios, parece que ela gira o país todo de Hiace e depois vive a reclamar da condução dos motoristas e das avarias no meio do mato à noite.

O Bernardo ficou tão empolgado com as histórias da tia e do primo que acabou por esquecer que ainda não tinha ido ver as amigas.

Enquanto isso a Joaninha continuava arrasada a pensar que ele tinha ido mesmo procurar a Lena, apesar de a Tchilanda ter dito que isso era impossível ela tinha dúvidas por causa da carta que encontrou. Ela passou todo o dia a fazer companhia a Tchilanda mas nem conversaram porque cada uma estava distraída no seu próprio pensamento. Decidiu então dar uma volta para esfriar a cabeça e como já estava a escurecer lembrou de passar na casa do Man-Benas para trancar bem a capoeira e

acender as luzes do quintal, mas quando chegou já encontrou as luzes acesas e percebeu que havia movimento em casa.

— Será que o Bernardo voltou? Mas tem mais pessoas em casa. Será que trouxe a Lena com ele? - Não aguento, tenho que ir lá ver o que se passa.

Bateu a porta e o Luege abriu.

— Boa noite, por favor o Bernardo está?

— Boa noite, sim ele está. Um momento vou já lhe chamar. Primo tem uma moça bonita aqui na porta a tua procura. Ele vem já.

— Muito obrigada! "Qual moça bonita?" – Perguntou a tia.

Quando chegou na porta e viu que era a Joaninha, lembrou que ainda não tinha avisado da sua volta, meteu a mão na cabeça porque já sabia que levaria um bom ralhete, mas para a sua surpresa ela sorriu e começou a falar sem parar: " Bem-vindo a casa Bernardo, porque é que não avisaste que já voltaste? E para onde foste? Eu estava tão preocupada! Pensei que ...

— Se acalma " Moça bonita ", estou aqui e está tudo bem. Não fugi para longe. Só não consegui avisar porque recebi visitas assim que cheguei. Mas já te conto tudo. Agora entra, vem cumprimentar a minha tia senão nunca mais vou ter paz na vida.

Boa noite tia Mimi, eu sou a Joaninha. O Bernardo fala muito sobre a tia, diz que é a favorita dele. Bem-vinda. Como foi a viagem?

— Boa noite minha filha, muito bonita mesmo e bemeducada.

Senta aqui, vou te contar sobre a viagem.

A tia nunca elogiava as amigas do Bernardo, pelo contrário só lhes abusava. Mas parece que gostou da Joaninha.

O bom é que a Joaninha também não é tímida e gosta de falar, em pouco tempo elas já pareciam amigas.

O Bernardo e o primo Luege ficaram só a olhar admirados e até um pouco assustados com isso.

— Está tarde Joaninha, deixa já te acompanhar em casa.

— Está bem.

Tia Mimi foi muito bom conversar consigo, espero que fiquem por algum tempo.

— Vamos ficar minha linda, podes vir me fazer companhia quando quiseres esses dois têm os assuntos deles e eu não entendo nada. Luege filho, traz aqui o saco vermelho pequeno, aquele que está ao lado da sacola azul. Obrigada!

— Filha toma, esse presentinho é para ti por seres tão simpática.

— Muito obrigada tia, é uma pulseira muito bonita.

Então eu vou, uma boa noite para vocês.

Bernardo leva a menina até em casa e porta-te bem, disse ela piscando o olho. Mãe estás a lhe deixar constrangido, defendeu o primo a sorrir.

No caminho o Bernardo aproveitou agradecer a Joaninha por ter cuidado da casa e das galinhas na sua ausência e contou também tudo o que aconteceu no bata-bata. O Ndombe não aceitou voltar por nada, é muito teimoso.

— Sinto muito pela Tchilanda.

Tchilanda olhou para o Man -Benas e disse: não tem de quê, ele mesmo não mudou.

Depois de darem alguns passos, Bernardo ainda estava parado, Joaninha não resistiu voltou a correr e deu um forte abraço e um beijo e lhe disse, nunca mais deixa Minhota.

Bernardo assustado e com o sorriso a rasgar a boca abanou a cabeça confirmado, pois havia entendo o recado.

— Esse teu atrevimento um dia vai te trair disse Tchilanda vendo alegria da Joaninha.

— Não quero saber, ele também me ama, e já não tenho mais tempo de guardar esse sentimento, respondeu Joaninha e acrescentou, o amor só é amor quando demostramos, enquanto ficar guardado no nosso coração em silêncio só irá nos ferir.

Tchilanda se manteve em silêncio, mas ficou pensando das palavras da amiga.

Quando chegou em casa, decidiu reler as cartas que Ndombe havia enviado, com a janela aberta, a lua cheia reflectia

o seu verdadeiro brilho, o silêncio da noite convidava Tchilanda a pensar no amor da sua vida que partiu partindo também o seu coração.

Agora ela acredita que o silencio nem sempre traz felicidade e por vezes esperar é atitude de quem não tem coragem para seguir.

Os dias se passavam e nada se ouviam a respeito do Ndombe, sem vontade de falar com alguém, Tchilanda mergulha nos seus rabiscos pois dessa vez o silêncio da velha Minhota parece não fazer sentido.

Não se pode dizer que não ouve oportunidades, o grande problema é o orgulho, para ela a sua vida estava cheia de perspectiva, mas não condizia com a realidade.

Naquele instante, ela pensou nas palavras do Ndombe, " ao verdadeiro amor nunca se diz adeus". Ndombe nunca se atreveu a despedir-se dela, mas agora parece que essas palavras já não fazem sentido algum e Tchilanda não está disposta a esperar mais 18 anos.

Depois de alguns dias Ndombe ficou doente e teve que ser evacuado para o hospital geral, o posto médico da vila estava fechado por falta de medicamentos e médicos, depois de apanhar alguns balões de soro estava recuperado, era apenas ansiedades e falta de boa alimentação.

Ele nem sabia que estava no hospital geral de Sá Bandeira e nem sabia quem o levou, estava inconsciente quando foi para lá.

VI

O médico perguntou se ele tem família aqui, ele disse que sim e naquele momento recebeu alta.

Naquele mesmo dia Kiame estava a ligar constantemente para Tchilanda para informar que Ndombe estava hospitalizado, mas ela não atendia o telefone estava em silencio.

Passando algum tempo Tchilanda retomou a ligação, não passava, pois, Kiame já havia se retirado da zona onde tem boa rede.

Naquele dia Tchilanda estava ansiosa a tentar saber por que o primo ligou tantas vezes.

Ndombe estava sem paradeiro, apenas com a roupa do corpo, agora recuperado não queria voltar para Bata-Bata, mas também não queria aparecer na Minhota daquele jeito.

— O que iriam pensar de mim pensou ele?

Queria chegar à casa do velho Chico, mas sem ser visto, ainda estava claro aproveitou caminhar e ficou sentado na praça em frente a câmara Municipal.

Ao cair da noite correu para a casa do velho Chico, enquanto passava os cães não paravam de ladrar, mas como sempre no interior dos quintais.

O velho ainda estava acordado apesar da escuridão por falta da luz eléctrica.

Bom! Bom! Bom! Era o barulho na sua porta, como sempre ele abriu a porta sem perguntar quem era, o velho não tinha mesmo medo de ninguém.

Ndombe assustou quando o velho abriu a porte.

— Quem é você? Perguntou o velho.

— Sou eu tio, eu quem? Acrescentou o velho.

— Ndombe tio.

— Ndombe!? O que fazes aqui a esta hora, o que aconteceu contigo? Pode entrar.

Ndombe ainda estava fraco, depois de ter saído do hospital não conseguiu comer.

O velho ainda tinha um pouco de funge com mavele, e deu ao Ndombe naquela noite, não fez muitas perguntas porque se apercebeu que ele estava cansado.

Ndombe olhou para o velho e disse:

— Muito obrigado mais uma vez por me receber e desculpa por não avisar.

Não se preocupa e já te disse que aqui é tua casa esteja a vontade. Ndombe agradeceu e disse é que não se sentia muito bem estes dias e foi parar para o hospital.

Não tem de quê meu filho. Olha amanhã muito cedo planejei ir para Capelongo, já faz muito tempo que não vou para

lá, ficarei por duas semanas, talvez poderias ficar por cá para controlar a casa e por favor não vá enquanto eu não voltar.

Parecia muito bom para o Ndombe visto que não tinha mesmo lugar para ficar, ele concordou.

O velho não conseguiu dormir estava ansioso com a viagem já faz muito tempo que não viajava.

Antes do sol raiar o velho já estava preparado para a viagem, Ndombe ainda estava dormido quando velho saiu.

Por três dias Ndombe ficou fechado na casa do velho ouvia as vozes no bairro, mas não queria ser visto.

Tchilanda estava preocupada com o velho Chico já faz três dias que a porta do velho não abria e o mais estranho e que durante a noite tem sempre luzes acesa e se ouviam pequenos barulhos, já faz muito tempo que não se ouve sobre os meninos da Mitcha então ela nem pensava nisso.

Durante a noite ela ficou atenta da sua janela para ver alguma movimentação e notou que a porta do velho estava ligeiramente aberta, deu conta que alguém estava no interior da casa, mas pela estatura física não parecia ser o velho, finalmente ganhou coragem para ver o que realmente estava a acontecer, naquele instante o telefone começa a tocar era o telefonema do Kiame.

— Sim Kiame pode falar.

— Tchilanda!

Sim estou a ouvir podes falar, está tudo bem aí com vocês?

Ouvindo com alguns cortes Kiame respondeu,

— Aqui está tudo bem, é só o Ndombe que foi ao hospital.

— Quem que está no hospital?

— Ndombe.

Não terminaram de falar a ligação caiu, o sinal da rede estava péssimo, mas Tchilanda entendeu que Ndombe estava hospitalizado.

Preocupada com o telefonema e a situação estranha na casa do velho, insistia ligar para o primo, mas já não passava.

Voltou para a janela e verificou que agora a porta está completamente fecha.

Correu para a casa do Man-Benas para informar o que viu na casa do velho Chico, mas ele não estava em casa a tia Mimi explicou que ele saiu com Joaninha.

Enquanto ela caminhava em direção a casa da Joaninha, os viu a caminharem em direção a Relé, ela aumentou os passos e gritou Bernardo!

Os dois pararam assustados.

— O que se passa, Tchilanda!?

— A casa do velho Chico está estranha, há três dias que não vejo ele e durante a noite sinto que alguém está lá dentro, não me parece ser ele. E por outra Kiame ligou disse que Ndombe está doente.

Man-Benas olhou pela aflição da amiga e disse:

— Vamos bater à porta do velho Chico para saber se ele está lá.

Os três foram para a casa do velho, ficaram a olhar um para o outro quem teria coragem de bater à porta.

Tchilanda olhou para Bernardo e disse

— Você é homem fica na frente e pode bater.

Ele começou a bater à porta depois de ter ouvido Tchilanda.

Depois de terem batido três vezes a porta foi aberta.

Viram que não era o velho Chico, Tchilanda reparou bem e disse:

— Ndombe! O que fazes aqui?

Se apercebendo que era Ndombe Bernardo e Joaninha se retiraram sem dizer nada deixando Tchilanda parada na porta do velho olhando para o Ndombe.

— Não estavas no hospital? E onde está o avô Chico? Perguntou ela.

Como sempre Ndombe ficou sem palavras só a olhar para ela.

Tchilanda prosseguiu chateada:

— Sabes como fiquei assustada?

— O meu primo disse que estavas doente e hospitalizado, não acabou de explicar e eu nem sabia o que pensar, para completar o Velho Chico desaparece e por três dias as lâmpadas da casa acendem apenas de noite e eu via os movimentos de alguém que não aparece de dia. Afinal eras tu? Queres me matar do coração?

— Tudo bem que não queres falar comigo, mas também não precisavas de [...].

Enquanto ela ainda falava, Ndombe encostou a porta, segurou na mão dela e lhe levou para o interior do quintal.

— Senta aqui, vamos conversar.

— Hã, então agora já queres conversar?

Respondeu ela, com lágrimas nos olhos.

— Respira Tchilanda, se acalma por favor. Deixa-me explicar o que aconteceu.

Ndombe sempre foi muito tranquilo e manso, tanto que até chega a incomodar a calma com que ele resolve sempre tudo. Mas como sempre acaba por esfriar os ânimos da Tchilanda e ela consegue se acalmar e ouvir.

— Há três dias estava em casa e me senti mal, parece que desmaiei, não me lembro de nada. Só sei que quando acordei estava aqui no hospital geral e o médico explicou que alguém me tinha deixado lá. Recebi alta pouco tempo depois e como ainda me sentia fraco vim para cá, não havia outro lugar para ir.

— Quando cheguei o tio Chico estava com as malas feitas, foi ao Capelongo por duas semanas e pediu que eu cuidasse da casa até ele voltar. Não me sinto completamente recuperado, além disso não queria ser notado, por isso fiquei aqui dentro.

Nunca quis te assustar, não pensei que fosses notar e nem sabia que o Kiame te avisou que fiquei doente.

— Peço desculpas!

— Tudo bem, respondeu Tchilanda depois de ter ouvido atentamente a explicação dele.

— Fiquei assustada com o desaparecimento do Velho e com a movimentação aqui dentro, mas o que mais me preocupou foi saber que estavas doente e não poder fazer nada a essa hora.

— Ainda bem que estás recuperado, a ideia de estares em perigo me deixou em pânico, você é importante para mim.

— Depois de dizer isso Tchilanda levantou e começou a ir embora, Ndombe foi atrás dela e levou de volta ao banco.

— Ainda não acabei de falar.

— Sim estou a ouvir.

— Bernardo foi ter comigo no Bate-bate e disse que tinhas coisas para me contar. Eu não queria vir, não posso te magoar mais do que já fiz. Mas olha só como as coisas são, mesmo sem querer vim parar exactamente aqui novamente.

— Não deixei de pensar nisso nestes últimos dias, de tanta ansiedade até fiquei doente. As coisas não podem continuar assim, preciso me livrar desse peso de uma vez por todas e sei que você também. Então por favor fala o que tens para me dizer.

Tchilanda voltou a levantar e sem dizer nem uma palavra foi-se embora. "O que eu fui fazer?" – Pensou Ndombe, ele achava que agora tinha piorado tudo de vez.

Ficou a balançar na cadeira enquanto pensava no que mais poderia fazer quando viu Tchilanda a voltar com uma caixa nas mãos.

— Toma.

— O que tem aqui dentro?

— Abre, podes ver.

Quando abriu a caixa, ele logo reconheceu as cartas.

— Então recebeste e guardaste todas as minhas cartas. Porque é que nunca respondeste nenhuma? Tudo seria diferente se tivesses respondido pelo menos uma.

— Tchilanda olhou para ele e disse: Quando foste embora o Velho Chico me entregou a caixa, por anos a querida esposa dele recebeu e coleccionou, guardou esse segredo porque o meu pai teria destruído todas elas se tivesse visto e ela acredita-

va que uma história de amor não pode acabar assim, que chegaria o momento de descobrirmos e entendermos tudo e sermos felizes, como ela foi com o seu amor. Infelizmente ela não viveu para ver o momento chegar, mas deu a responsabilidade ao seu querido, o velho, que a cumpriu sem demora.

— Quando abri a caixa e vi as cartas recuperei a alegria, cada uma delas era uma das peças que faltavam para dar sentido à nossa história, li e reli vezes sem contar, eu nem acreditava que elas existem e que durante todo esse tempo não te esqueceste de mim e fizeste o que podias para um dia nos reencontrarmos. Afinal é verdade que existem sentimentos que o tempo não congela, e agora para mim é como se esses dezoito anos fossem apenas alguns dias.

VII

Ndombe nem conseguia acreditar no que acabou de ouvir, tudo fazia sentido, era como o final de um livro, estava cada coisa no seu lugar, cada obstáculo que encontraram e todo o silêncio que os cercava fizeram parte do caminho e os prepararam para aquele exacto momento. Se soubesse teria vindo logo com o Bernardo, ele sempre foi muito bom amigo.

Depois de alguns minutos em silêncio, Ndombe olhou nos olhos da sua amada e contido pela emoção, tudo o que conseguiu dizer foi:

—"Ao verdadeiro amor nunca se diz adeus..." E lhe deu um abraço forte.

Nesse momento apareceram o Man-Benas e a Joaninha que já estavam arrependidos por terem deixado os dois sozinhos.

— Vamos lá ver se eles não se mataram, disse a Joaninha em tom de brincadeira apesar de estar preocupada.

— Quando viram os dois abraçados sentiram-se aliviados.

— Então amigos, tudo bem? Podemos nos aproximar?

— Olha Ndombe, os fugitivos voltaram. Como é que vocês me largam aqui e desaparecem sem dizer nada?

— Tchilanda minha amiga querida nós te amamos muito, mas vocês já são crescidos e tinham que resolver os vossos problemas sozinhos, já passou da hora.

A Joaninha não aguentava mais de tanta curiosidade.

— Nos contem então, já conversaram? Fizeram as pazes? E aquele abraço? Digam alguma coisa.

— Joaninha tu não mudas, disse a Tchilanda a sorrir.

— Não precisas dizer mais nada amigo, eles se entenderam Bernardo, a confusão acabou.

O Velho Chico vai ficar tão feliz ao saber disso.

Era lua cheia e o céu estava repleto de estrelas, a noite estava muito fria as correntes de ar do rio Caculuvar não poupavam ninguém. Ndombe foi buscar dois bancos para os amigos e o fogareiro para se aquecerem enquanto conversavam alegremente sobre as memórias da sua infância, as lições que a vida lhes ensinou sobre o amor, e todos os segredos que tinham descoberto.

— Na manhã seguinte, muito cedo ele saiu e direcção ao Bata-bata, durante três dias não foi visto novamente e isso deixou Tchilanda mais uma vez extremamente preocupada.

No quarto dia, durante o fim da tarde nublado, as nuvens voltaram a formar-se sobre a velha Minhota, como se os céus preparassem outro capítulo daquelas histórias que só ali pareciam possíveis. A eletricidade, como de hábito, ia e vinha, mas o que perdurava eram os olhos de Tchilanda fixos na janela – a mesma

que, desde menina, usava para espreitar o mundo e esconder os sentimentos.

Ela agora sabia toda a verdade: os 18 anos de ausência de Ndombe não tinham sido desinteresse, mas resultado de um silêncio imposto, de cartas roubadas, de vozes abafadas pelas desavenças de adultos que já nem caminhavam entre os vivos. Ainda assim, a dor permanecia: porque amar em silêncio também fere.

Mas naquele dia, algo era diferente. O velho Chico regressara de Capelongo antes do tempo, com o andar mais lento e o olhar mais sábio. Sentou-se na sua cadeira habitual, tirou do bolso um pequeno rádio e pôs uma música antiga a tocar. Um sungurra que falava de partidas, mas também de regressos.

E foi quando Tchilanda ouviu, ao longe, o barrulho conhecido de uma Kaleluia. Seu coração disparou. Poderia ser? Seria possível? Pois apercebeu-se que ele havia sumido novamente.

Ndombe voltava. Não sabia como seria recebido. Trazia no peito a dor da distância e nos olhos a esperança de um último gesto. Os dias na casa do velho Chico tinham sido de reflexão, lágrimas caladas e, sobretudo, de saudades.

Na bagagem, levava consigo todas as cartas devolvidas por Tchilanda, agora reescritas com novas palavras, maduras e humildes. Estava pronto para falar – não para explicar, mas para sentir junto.

Assim que estacionou a moto, o bairro silenciou. Joaninha, do seu quintal, suspendeu a conversa. O velho Chico apenas sorriu e disse: —Desta vez, vem para ficar.

Tchilanda não teve tempo de preparar as emoções. Quando abriu a porta, encontrou-se com aquele rosto que povoara os seus sonhos – mas agora com sulcos de um homem que aprendeu a perder e reaprender a amar.

— Vim ver se ainda encontro espaço no teu silêncio, Tchilanda – disse Ndombe, com a voz firme, mas os olhos embargados.

Ela não respondeu. Apenas o olhou como quem relembra todas as palavras que não foram ditas, todos os beijos interrompidos pela distância, todas as noites em claro à espera de algo que nunca chegou.

E então, depois de tantos anos, ela falou:

— Entra. A casa sempre teve espaço. Eu é que fechei a porta de dentro.

A conversa que se seguiu não foi longa. Não precisavam. Era como se o tempo tivesse construído, camada por camada, um sentimento que palavras já não alcançavam. Tchilanda mostrou-lhe os desenhos rabiscados nas paredes – todos feitos nas noites de ausência e ele, em retribuição, entregou-lhe as novas cartas.

Leram juntos, riram, choraram. E, pela primeira vez, se permitiram apenas estar. Sem medos, sem promessas. Porque o amor, quando verdadeiro, não precisa de garantias: basta que exista.

Nos dias que se seguiram, a Minhota transformou-se. Não por mágica, mas pela leveza que o reencontro imprimiu às rotinas. O velho Chico voltou a assobiar com mais gosto, Joaninha cuidava do jardim de Tchilanda como se fosse o seu próprio, e

Man-Bernas finalmente – convidou-a para um passeio de domingo ao novo cine Arco-Íris.

Até os porcos pareciam ter aprendido a atravessar a rua com mais respeito.

Numa sexta-feira ao pôr-do-sol, a vizinhança se reuniu para uma fogueira na rua. Havia música, kizomba dançada com pés descalços e histórias contadas por bocas agora mais leves. Entre todos, estavam ali também Tchilanda e Ndombe de mãos dadas.

VIII

O velho Chico, ao vê-los, levantou o copo de canhome e disse em voz alta:

— O amor da Minhota, esse, nem o tempo enterra. Porque há corações que sabem esperar mesmo no silêncio.

Ao longo das semanas, a vida continuou com a sua dança habitual: faltava água às quartas, a tia Zizi continuava a desafinar com Roberto Carlos na barraca e o candeeiro insistia em apagar às três da madrugada. Mas o que mudou foi o modo como os corações batiam – agora em compasso com a esperança.

Tchilanda voltou a desenhar, desta vez com cores. Ndombe passou a ensinar os miúdos do bairro a consertar motas. E juntos, começaram a preparar um pequeno espaço de leitura na velha casa do pai dela, onde as cartas seriam guardadas não como relicário da dor, mas como testemunho do reencontro.

Houve uma carta em especial que escreveram juntos. Era endereçada ―Aos que partem antes do tempo‖ . Nela, contavam a história de amor que resistiu, entre páginas, rabiscos e silêncios. A carta foi lida por Kiame no novo pátio da comunidade, e todos – mesmo os que fingiram não se emocionar – deixaram o coração sorrir.

Joaninha, comovida, segurava a mão de Man-Benas. E ele, finalmente, disse:

— Não esperemos 18 anos, minha amiga.

A chuva voltou naquela noite. Mas desta vez, ninguém teve medo dela. As chapas tocaram uma música ritmada e, em vez de esconderem-se, os moradores dançaram debaixo d'água, como se celebrassem a fertilidade das memórias finalmente resgatadas.

Tchilanda, com o rosto molhado de chuva e lágrima, encostou a cabeça no peito de Ndombe. E ele, com um sorriso sereno, sussurrou:

— Ainda bem que voltei.

Ela respondeu:

— Ainda bem que nunca partiste daqui – apontando para o peito.

E assim, a velha Minhota continua onde sempre esteve: firme, discreta e fiel à sua história. Agora, entre cada silêncio, ouve-se um novo som: o da esperança. Porque o amor verdadeiro pode até se calar, mas nunca se esquece de voltar para casa.

E, na Minhota, todo reencontro é um novo começo.

Katchiartes Katchiva

Nasceu aos 06/12/1990, na Cidade do Lobito, Província de Benguela.

Formado em Ciências de Educação, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Educação Moral e Cívica;
Escritor e Artista Plástico.

Engresou no mundo da literadura nos anos 2007 com composições de música e Poesia e o seus primeiros rabiscos em Desenhos artisco surguiram por volta dos anos 2002.
A sua primeira obra literária (Poesia) foi copilada em 2013, com o titulo Desabafos.

Élan

Nasceu aos 05/12/1997, na Cidade do Lubango, Província de Huíla.

Formada em Designer Artístico.
Escritora e Artista Plástica e Designer.

Desde muito cedo teve inclinações em edições e criações artísticas.

Nesta obra, apresentamos a mais pura realidade das relações e vivencias entre as zonas suburbanas e rurais das terras da alta da Chela, também conhecida anteriormente por Sá da Bandeira e nos nossos dias, Lubango.

[...] neste livro é apresentada uma perspectiva histórica de um amor peculiar onde as circunstancias incomuns e os imprevistos se tornam verdadeiros obstáculos em demonstração do verdadeiro amor.

A medida que for lendo esta obra, mergulhará na euforia de estar num bairro que tinha tudo para ser uma verdadeira sanzala, mas é contida pelo silêncio e segredos profundos que nunca foram revelados.

Entenda que Minhota não é apenas o palco dos segredos em silêncio, é a resiliência de viver e fazer viver, onde a história de amor não se dissolveu com o passar do tempo, nem com o poder da tecnologia.

Talvez um dia voltemos a pisar a velha Minhota com os nossos próprios pés descalços e redescobrir os segredos silenciado pelo tempo, ainda bem que o tempo jamais apagará as memorias construídas por elas mesma.

OCiÑi Editora

Élan KATCHIARTES